



AVENTURA
entre linhas e letras

O JOGO SECRETO DOS ALQUIMISTAS

João Anzanello Carrascoza

4ª edição

Conforme a nova ortografia

Ilustrações
Maurício Negro

 **Atual**
Editora

Copyright © João Anzanello Carrascoza, 2000.

Direitos reservados à
SARAIVA Educação Ltda.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0XX11) 4003-3061

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Carrascoza, João Anzanello

O jogo secreto dos alquimistas / João Anzanello Carrascoza; ilustrações Maurício Negro. — 4ª ed. — São Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas e Letras)

Inclui roteiro de leitura.
ISBN 978-85-357-0046-6 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Negro, Maurício. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Série Entre Linhas e Letras

Desenvolvimento de produto

Gerente: Wilson Roberto Gambeta
Editor: Henrique Félix
Assessora editorial: Jacqueline F. de Barros
Coordenadora de preparação de texto: Maria Cecília F. Vannucchi
Revisão: Pedro Cunha Jr. (coord.)/Elza Maria Gasparotto
Célia Regina do N. Camargo/Sandra Regina de Souza
Preparação de texto: Maria Luiza Simões

Produção editorial

Gerente: Edilson Felix Monteiro
Chefe de arte: José Maria de Oliveira
Diagramação: Adriana M. Nery de Souza

Produção gráfica

Produtora gráfica: Liliane Cristina Gomes
Impressão e acabamento:

Colaboradores

Projeto gráfico: Glair Alonso Arruda
Roteiro de leitura: Veio Livri

7ª tiragem, 2017

CL 810363
CAE 605618

SUMÁRIO

O futuro no espelho	5
Uma grande surpresa	7
A revelação	10
Mais novidades	20
Ramificações do mistério	27
O primeiro desafio	31
Uma pista puxa a outra	40
Desvendando o rio	44
Agito no trem	49
Situação inquietante	59
Fantástica coincidência?	66
Nova revelação	75
Um caso muito estranho	84
Desconfiança no ar	95
Manobras ocultas	99
Descobrimento em terras lusitanas	104
A caminho de Santiago	114
Emoções inesperadas	120
A solidão dos peregrinos	127
A hora da verdade	137
Surpresa final	144
A imagem refletida	154
O autor	155
Entrevista	157

A química oculta, ou alquimia, difere da química vulgar ou normal, apenas quanto à teoria da constituição da matéria; os processos de operação não diferem exteriormente, nem os aparelhos que se empregam. É o sentido, com que os aparelhos se empregam, e com que as operações são feitas, que estabelece a diferença entre a química e a alquimia.

... Como o físico (incluindo no termo o químico também), ao operar materialmente sobre a matéria, visa a transformar a matéria e a dominá-la, para fins materiais; assim o alquímico, ao operar, materialmente quanto aos processos mas transcendentemente quanto às operações, sobre a matéria, visa a transformar o que a matéria simboliza, e a dominar o que a matéria simboliza, para fins que não são materiais.

(Fernando Pessoa. O que é ocultismo.
In: Neves, João A. das. *Poesias ocultistas de Fernando Pessoa*. São Paulo: Aquariana, 1995.)



O FUTURO NO ESPELHO

O SILÊNCIO se derramava pela cidade já mergulhada no sono. Apenas um e outro carro ainda cruzavam, àquela hora, a avenida Paulista. A noite progredia rapidamente. No escuro de seu quarto em desordem, iluminado apenas por um abajur, Toninho podia ver lá fora a lua cheia reluzindo por trás das antenas dos edifícios. O céu azul-escuro lembrava as águas do rio Tejo na noite em que ele e a menina de Lisboa haviam descoberto mais uma pista para desvendar o mistério daquele jogo mágico.

Era a terceira lua cheia depois que regressara de sua inesquecível viagem à península Ibérica. Sobre o criado-mudo, sombreados pela penumbra, o desenho do tabuleiro que ele fizera, às pressas, no corredor escuro daquele antiquário; os dois pergaminhos da Idade Média; a lupa e o velho canivete sobre o mapa de Sevilha; as cartas recentes da menina; o tíquete de trem de Lugo a Toledo que ela não usara; lembranças que navegavam, serenas, pelos seus olhos. Tinha saudades dela, seu coração trovejava debaixo do peito, sua vida havia mudado para sempre depois de conhecê-la. Ainda sentia a dor da separação, mas haveria de superá-la.

Tivera de esperar mais de dois meses até que, no fim de setembro, uma chuva de primavera caísse e ele pudesse recolher a água para aquele ritual. Seguindo a receita mágica dos ciganos, que a menina ganhara em Toledo, o garoto usara a água para lavar o espelho onde descobriria, na lua cheia seguinte, o rosto de seu futuro amor. Em seguida, acendera sete velas sobre o espelho e invocara a Virgem de Macarena, padroeira dos ciganos, deixando que as velas queimassem totalmente. Depois guardara o espelho, envolvendo-o num pano vermelho.

A lua cheia chegara e era o momento de ver qual face o espelho lhe revelaria. Ouviu passos no corredor e um som de descarga no banheiro. Certamente era seu pai e, graças a ele, que o levara à Espanha, Toninho soubera do segredo secular da OCMD, tão bem escondido por Lope Prado. Agora, estava em busca de outra revelação. Esperou algum tempo e, quando o silêncio reinou na casa outra vez, prosseguiu com a cerimônia, retirando o pano vermelho do espelho. Mirou-se então nele e viu, admirado, que seu rosto refletido começava lentamente a se modificar. Surgiam traços ainda indefiníveis de sua alma gêmea, e Toninho queria saber quem seria ela. Fechou os olhos e, antes de abri-los para conhecê-la, mergulhou no passado e recordou-se das aventuras que vivera, semanas antes, em terras de além-mar.



UMA GRANDE SURPRESA

FALTAVAM apenas duas semanas para começarem as férias de julho. Toninho andava estudando como um louco para as últimas provas, quando à mesa do jantar seu Júlio lhe disse, de repente:

— Filho, tenho uma surpresa pra você.

— Surpresa? — duvidou o garoto. — Lá vem chumbo pro meu lado!

— Deixe de ser resmungão — disse dona Alzira, que trazia uma travessa de comida fumegante. — Está parecendo seu pai ultimamente...

E, como seu Júlio sorria, Toninho disse, animado:

— Já sei! É meu aparelho de som novo?

— Não.

— Então é aquele CD-ROM de pintores franceses?

— Também não.

— Um microscópio novo pro meu laboratório?

— Nada disso — respondeu seu pai. — É uma coisa muito melhor, *hombre!*

Seu Júlio não falava com fluência o castelhano, apesar de ser descendente de um legítimo espanhol. Mas, desde que fora contratado pela Companhia de Importações Príncipe, e passara a viajar todos os meses para Madri, enfiava sempre uma palavra espanhola no meio de suas conversas.

— Então é a minha moto? — arriscou Toninho. — Vou ganhar de aniversário?

— *Eres muy materialista* — disse seu Júlio.

— Um pouco todo o mundo é — disse o garoto. — O dinheiro ajuda a refinar o espírito...

— Nem parece um artista falando.

— Vai, pai, fala logo — pediu o filho.

— Vou te levar comigo pra Madri — disse seu Júlio, triunfante.

— Pra Madri? — sorriu Toninho, incrédulo. — Tá brincando?

— No duro, filho.

— Gostei da piada, pai. Conta outra.
— É verdade — disse dona Alzira.
— Poxa, a passagem é uma grana — comentou o garoto, incrédulo. — Daria pra comprar o microscópio, o CD-ROM e até uma moto usada.
— Só que eu não gastei nada — disse seu Júlio. — Acumulei muitas milhas e tenho direito a um bilhete de graça.
— E por que o senhor não leva a mamãe? — perguntou Toninho.
— Vou levá-la em dezembro, quando completarmos 18 anos de casamento.
— Quero só ver — disse dona Alzira, indo em direção à cozinha.
— Promessa é dívida...
— Eu sempre cumprio minhas promessas — disse o pai.
— Disso não posso me queixar — concordou ela.
— É uma viagem de negócios — disse seu Júlio. E confidenciou a Toninho: — Mas pode ter algo especial pra você.
— Pra mim? — estranhou o garoto. — Essa é boa.
— Você não é agora o alquimista da família?
— E daí?
— Fale baixo — sussurrou seu Júlio. — Não quero que sua mãe saiba. Ela diz que eu dou trela demais pra suas experiências malucas.
— Faz tempo que não vem dando...
— Só que ela também vive comprando pincéis e telas pra você — disse seu Júlio.
— Graças a Deus! — disse Toninho, e completou: — Essa viagem é a minha chance de ver as pinturas famosas do Museu do Prado.
— Não cansou de ver pela Internet?
— Ao vivo é outra coisa, pai.
— Ainda bem que você pensa assim.
— Vou poder girar lá à vontade? — perguntou o garoto. — Ou vou ficar visitando fábrica de azeite?
— Vou lá fechar uns contratos — disse seu Júlio. — Mas teremos tempo livre. Poderemos ir ao Museu do Prado e também ao Casón del Buen Retiro. Você não quer ver a *Guernica*, de Picasso?
— É claro — disse o garoto. — Mas o que essa viagem tem a ver com Alquimia?
— Bem...

— Vai, pai, sem essa de suspense — disse Toninho.

— Sua mãe vem vindo — sussurrou seu Júlio. — Depois eu conto.

— O que vocês estão cochichando aí? — perguntou dona Alzira, já voltando à sala.

— Nada, nada — disse o pai.

— E então, filho, gostou da surpresa? — disse ela. — Você vai conhecer a terra de seu avô Antônio.

— Legal pra caramba.

— Não tá animado, não?

— É claro que estou.

— Não parece.

— Tô preocupado com as provas.

— E ainda vamos dar uma esticada até Lisboa — completou seu Júlio.

— Fazer o que lá? — perguntou Toninho.

— Negociar a compra de azeite português.

— Já vi tudo — resmungou o garoto. — Vai sobrar trabalho pra mim.

— Assim você me dá umas férias — disse dona Alzira, brincando com o filho.

— Até parece.

— E me traz um leque bem bonito — continuou a mãe. — Seu pai até agora só me trouxe daqueles bem cafonas.

— Precisamos providenciar logo seu passaporte — cortou seu Júlio.

— Tudo bem.

Vamos partir em três semanas — disse o pai. — Amanhã sem falta você vai tirar fotos.

— Deixa comigo.

— Vou arranjar também um cartão de crédito pra você.

— Oba!

Ia ser uma viagem e tanto. Toninho, que adorava desenhar, já se imaginava lá, contemplando as pinturas famosas do Museu do Prado. Poderia ver uma tourada, assistir a um jogo do Real Madrid, passear como um autêntico neto de espanhóis. Mas que novidade era aquela à qual seu pai, há um bom tempo afastado das ciências ocultas, se referia? Por que tanto segredo?

A REVELAÇÃO

NA SEXTA-FEIRA, véspera da viagem, Toninho folheava em seu quarto um velho dicionário de espanhol/português que pertenceira a seu avô Antônio. Precisava se familiarizar um pouco mais com a língua e deixara para a última hora. Havia passado as duas semanas anteriores numa tropelia, correndo, esbaforido, para fazer as últimas provas, o passaporte, as malas...

O caos reinava ao seu redor. À direita da cama, uma grande mesa sobre a qual se viam espalhados livros e mais livros e uma porção de objetos científicos: tubos de ensaio, pipetas, papel de tornassol, disco de Newton, lâminas de vidro. Ao fundo, presa à parede, uma colorida tabela de elementos químicos. À esquerda, próximo à janela escancarada, um cavalete com uma pintura já começada, um pequeno móvel cheio de tintas e pincéis de vários tamanhos imersos num copo de plástico. O quarto, largo e espaçoso, era uma mescla de laboratório e ateliê, onde Toninho alternava o tempo entre suas duas grandes paixões. E tinha ainda o computador, quase sempre plugado na Internet, o pequeno aparelho de som e CDs dispersos pelo chão. Só não se viam tênis e roupas espalhadas como de costume, porque estavam já na mala que dona Alzira o ajudara a arrumar.

Toninho estudava o significado de algumas palavras espanholas, quando seu Júlio entrou no quarto.

— Até que a bagunça hoje não está das piores — disse ele.

— Ih, lá vem a dura de sempre — disse o garoto.

— O que você está fazendo? — perguntou o pai.

— Dando uma estudada — respondeu Toninho.

— Por que não usa o dicionário de bolso que eu te dei? — perguntou seu Júlio. — Esse aí é uma antiguidade.

Mas o filho não respondeu. Desde que o pai comentara naquele jantar que tinha algo especial para ele na viagem, Toninho ainda não tivera tempo de lhe perguntar mais detalhes. Seu Júlio andara atribulado, preparando a papelada e os contratos que iria assinar, em nome da Companhia de Importações Príncipe, com as fábri-

cas de azeite de oliva. E, agora, a sós, tudo poderia ser esclarecido.

— Bem, tá na hora de abrir o jogo — disse o garoto.

— Que jogo? — estranhou seu Júlio.

— O senhor disse que tinha uma novidade pra mim na Espanha.

— Parece que você lê pensamentos.

— Tem a ver com um jogo? — perguntou o filho.

— Tem.

— Mas não era com Alquimia?

— Também.

— Continuo boiando.

— É uma longa história — disse o pai. — Já nem sei se...

— Agora eu quero saber — reclamou o garoto, interrompendo-o.

— No começo, achei o assunto interessante — disse seu Júlio. —

Enchi-me de esperança e pensei que estava renascendo em mim o velho alquimista. Fiz até umas pesquisas em Madri. Mas refleti melhor nos últimos dias e acho que avaliei mal. De qualquer forma, pode ser uma boa oportunidade para você, afinal, cada um tem seu caminho...

— Não tô achando graça nenhuma neste papo — comentou Toninho. — Dá pra ser mais direto, pai?

— Calma, *hijo* — disse seu Júlio, conformado. — Não é você que adora mistérios?

— Vai, pai, conta logo — suplicou o garoto.

— Tá bom — disse seu Júlio. — Vou resumir pra você.

— Tô esperando — disse o filho, fechando o dicionário.

— Como você sabe, seu avô Antônio nasceu em Granada, cidade da Andaluzia, no sul da Espanha. Ele veio com 18 anos pro Brasil e aqui se casou com a sua avó Matilde.

— Até aí não vejo nenhuma novidade — disse Toninho, impaciente.

— Bem, seu avô nunca mais voltou pra Espanha. Mas, alguns meses antes de morrer, deu pra dizer que precisava encontrar um primo chamado Luiz Ribero, filho de um tio mais velho. Seu avô me contou que tinha passado a adolescência com esse primo. Luiz Ribero vivia dizendo que um dos antepassados da nossa família tinha sido um alquimista importante.

— No duro?

— No duro — respondeu seu Júlio. — Talvez isso explique o meu antigo interesse pelo assunto.

— E o meu atual também.

— Fiquei surpreso — continuou o pai. — A gente já tinha a quem puxar e nem sabia.

— E quem era esse alquimista? — perguntou o filho, já interessado.

— Ele se chamava Lope Prado — disse seu Júlio. — Viveu entre os séculos XV e XVI e pertencia a uma confraria de magos. E adivinha o que eles descobriram?

— Eu que sei? — devolveu o garoto.

— Descobriram a pedra filosofal! — exclamou o pai.

— A pedra filosofal? — sorriu ironicamente Toninho. — A fórmula sagrada pra transformar o chumbo em ouro?

— Exatamente — respondeu seu Júlio.

— Esta foi grossa!

— Olha o respeito.

— Por isso seu nariz é deste tamanho.

— Está me chamando de Pinóquio?

— Não — disse o filho. — Mesmo porque somos bem parecidos.

— Um mago nunca pode tirar conclusões antes de ouvir toda a história — argumentou o pai. — Lembre-se do que disse Shakespeare: “Existem mais mistérios entre o céu e a terra do que possa imaginar a nossa vã filosofia”.

— Tá legal — disse o garoto. — Bem que eu gostaria que fosse verdade. Mas não é. Todo o mundo sabe que é uma lenda.

— Eu mais que ninguém hoje em dia — disse seu Júlio.

— E então? — perguntou Toninho.

— Achei que desta vez a coisa era diferente, talvez porque envolvesse um antepassado da nossa família.

— E deve ser mesmo, fazia um tempão que o senhor não falava em Alquimia.

— Ainda tenho saudades dos nossos experimentos.

— Pena que o senhor desistiu.

— É.

— Foram bons tempos — disse o filho. — E ainda podem ser!

— Quem sabe...

— Bem, mas e daí?

— Deixa pra lá — disse o pai. — Tenho dúvidas demais e disposição de menos.

Apesar de não acreditar que alguém tivesse realmente chegado ao segredo da pedra filosofal, o filho queria saber o que mais havia nessa história que reacendera em seu pai o interesse pelos fenômenos ocultos, sobretudo pela Alquimia. Lembrava-se de sua felicidade fazendo mágica nas festas de aniversário e do orgulho que manifestara quando ele, Toninho, insistira para que lhe ensinasse a arte da prestidigitação.

Contudo, desde que perdera o pai, a paixão de seu Júlio pelo ocultismo, que já vinha inexplicavelmente diminuindo, murchou de uma vez, enquanto a do filho continuou a crescer.

— Já que começou, continua — exigiu o garoto. — Quero ver aonde vai dar.

— *Bueno* — disse o pai. — Ao que tudo indica, a fórmula da pedra filosofal era mantida em segredo por esse grupo de magos ao qual Lope Prado pertencia. Eles se reuniam num castelo em meio à Sierra Nevada, próxima à Granada. Mas foram cruelmente perseguidos pela Inquisição espanhola. Com medo de que a fórmula fosse destruída, ou caísse em mãos erradas, eles a esconderam num lugar quase inacessível.

— Onde?

— Num jogo infantil.

— Num jogo infantil? — zombou Toninho. — Esta é de chorar, pai!

— Pode parecer loucura, mas eles eram magos e deviam saber o que estavam fazendo — continuou seu Júlio. — Muita coisa que parecia loucura dos sábios e dos cientistas, o tempo provou ser verdade.

— Aí eu concordo — disse o garoto.

— Esse primo de seu avô, Luiz Ribero, andou fazendo umas descobertas — continuou o pai. — Pra ele, se os magos escondessem a fórmula em algum canto da Espanha, que na época compreendia os reinos de Castela e Aragão, os inquisidores poderiam achar, eram espertos como o diabo que diziam combater. Por outro lado, não podiam ocultar demais a fórmula, pois os sábios das gerações

futuras seriam privados desse tesouro. Então codificaram cada uma de suas etapas numa brincadeira chamada jogo do ganso.

— Jogo do ganso?

— É isso aí!

— Tá duro de engolir — disse o filho.

— Quem iria desconfiar que um jogo tão ingênuo pra crianças poderia conter o segredo mais importante da Alquimia?

— Não sei não — resmungou Toninho.

— Lembra daquela história sobre a origem do tarô que encontramos num livro? — perguntou seu Júlio.

— Mais ou menos — respondeu o filho.

— O tarô teria sido inventado por magos árabes que codificaram ensinamentos ocultos em cartas de baralho.

— Tô lembrando.

— Nosso antepassado e seus amigos poderiam ter partido do mesmo princípio — continuou o pai. — Eles viviam numa região que foi dominada pelos árabes durante séculos e certamente deve ter havido troca de informações.

— Pode ser — disse o garoto, animando-se.

— Só que a coisa acabou em tragédia — prosseguiu seu Júlio. — Todos os magos dessa e de outras confrarias foram mortos nas fogueiras da Inquisição. Menos um.

— Quem?

— Lope Prado.

— O nosso antepassado? — perguntou Toninho.

— O próprio — confirmou o pai. — Ele conseguiu fugir pra Portugal, onde viveu em Lisboa até morrer em mil quinhentos e pouco.

— E então?

— Deixou algumas pistas de onde encontrar a chave para interpretar esse jogo e então descobrir o segredo da fórmula.

— Que pistas? — perguntou Toninho, animando-se.

— Não sei se são confiáveis — respondeu seu Júlio. — Já se passaram quase cinco séculos.

— E daí?

— Eu é que te pergunto.

— Outro dia não descobriram um novo planeta no nosso sistema solar?



— É diferente.

— É nada — disse Toninho. — Uma das primeiras coisas que o senhor me ensinou sobre Alquimia foi aquela frase: “Igual em cima é embaixo”.

— A famosa conclusão de Hermes Trimesgisto — concordou seu Júlio.

— “O que acontece no Céu acontece também aqui na Terra.”

— E tem outras coisas estranhas — disse o pai. — Só depois fui me dar conta.

— O quê?

— Seu avô Antônio me disse, algumas semanas antes de morrer, que andava sonhando com a imagem de uma maçã dourada.

— Não tô entendendo.

— Eu também não estava. Achei que seu avô caducara, ou era efeito dos remédios que ele estava tomando. Mas, numa das primeiras vezes em que viajei a Madri no ano passado, aproveitei uma tarde pra fazer umas pesquisas na Biblioteca Nacional. E descobri que havia existido a Ordem dos Cavaleiros Maçã Dourada. O que não é novidade: na Idade Média existiam muitas sociedades com atuações secretas. Lembra de alguma?

— É claro — disse o filho. — A Maçonaria, a Ordem dos Templários, os Cavaleiros da Távola Redonda.

— Exatamente — disse o pai. — Foi um tempo de grandes estudos do ocultismo, como Roger Bacon, Raimundo Lillio, Nicolas Flamel.

— Paracelso também — disse o garoto. E arriscou: — Na certa Lope Prado pertencia a essa tal ordem.

— Isso mesmo — confirmou seu Júlio. — A maçã era o símbolo dos alquimistas da Andaluzia. Uma fruta sagrada para eles, porque, segundo relatos da mitologia grega, era nessa região que se situava o Jardim das Hespérias.

— Hespérias?

— As três filhas de Atlas.

— Aquele que segurava o mundo nas costas? — perguntou o filho.

— Ele mesmo — disse seu Júlio. — Você anda bem informado, hein!

— Deixa de gozação, pai — disse Toninho. — É por isso que o livro com mapa de todos os países se chama Atlas.

— Nem todo o mundo sabe.

— Não sei quem — disse o garoto e perguntou, curioso: — Mas o que faziam essas Hespérias?

— Guardavam um jardim fantástico cujas árvores davam maçãs de ouro.

— Tá me lembrando a história do Aladim e a lâmpada maravilhosa — disse Toninho. — Um pomar cheio de árvores com pedras preciosas.

— Aliás, Hespéria foi o primeiro nome dado às terras que hoje formam a Espanha — continuou seu Júlio.

— E então? Qual é o desafio?

— Descobrir onde está o jogo do ganso.

— E aí chegar à fórmula da pedra filosofal!

— Sim.

— E por que jogo do ganso? — perguntou Toninho.

— Ainda não sei, mas desconfio — respondeu seu Júlio. — Naquele tempo, a diversão preferida dos homens era a caça, inclusive ao ganso.

— Pode até ser.

— Ou porque as penas de ganso eram usadas pra escrever, o que tornava essa ave valiosa.

— Peraí! — interrompeu o garoto. — A imprensa ainda não tinha sido inventada?